

BRASÍLIA

28/4/57

HA uma certa grita contra Brasília; deputados da Bahia e do Nordeste reclamam que o govêrno desviará para a futura capital recursos necessários ao desenvolvimento econômico de regiões já povoadas. Só as estradas de rodagem e de ferro que terão de ser construídas para a longínqua Brasília consumirão dinheiros e esforços imensos, em um país de economia engarrafada como o nosso. O deputado baiano Nestor Duarte calcula que Brasília importará em vinte ou trinta anos de atraso para a economia do Nordeste.

Tem, na verdade, ares de uma grande piroquetagem nacional êsse negócio de Brasília. As duas maiores cidades do Brasil — sem falar das outras — estão profundamente enclacradas por falta de recursos. A maioria da população do Rio vive pèssimamente, com deficiências primárias de tudo: moradia, transporte, água, educação, higiene. Enquanto os arquitetos e urbanistas resolvem no papel, alegremente, e sem nenhuma preocupação financeira, todos os problemas de Brasília, cidade feliz, de trânsito fácil, cheia de água, energia, divertimento e cultura — as populações de Rio e São Paulo padecem de mil males sem qualquer esperança de melhoria em um futuro próximo. Um túnel ou um viaduto levam anos para ser construídos no Rio, qualquer obra se arrasta, miseravelmente, por falta de verba — e vamos fazer uma cidade nova nos confins do Judas.

Conheço, naturalmente, os argumentos a favor de Brasília. O que me pergunto é se não seria mais humano resolver, antes de iniciar êssa bela aventura, os problemas mais duros das multidões trabalhadoras do Rio e de São Paulo, os dolorosos problemas dessa humanidade viva, atual, e não as dos futuros e burocráticos brasilienses. Já não quero falar do interior do Brasil, como de meu pobre Espírito Santo, sempre roubado pela União, com seu desenvolvimento econômico entravado e comprometido pela usura federal; nem do pobre homem da roça, cada dia mais perdido na sua miséria e na sua ignorância. Não temos dinheiro para nada, nem sequer cuidamos a sério de lutar contra algumas das piores falhas de nossa economia — e vamos construir uma cidade como quem constrói um palácio, tudo novo, de bom e do melhor, tudo bonito, chibante, com ar refrigerado para os dias de calor. Será oportuno? Não seria melhor resolver antes alguns dos problemas mais angustiosos da economia e das populações do Brasil e esperar uma folga qualquer, uma alta do café, uns poços de petróleo, algum milagre nacional ou internacional que nos permitisse meter dinheiro sem remorso nessa capital de luxo? Quantos milhares de quilômetros de estradas não precisamos de abrir ou de pavimentar antes de pensar em fazer essas que se dirigem a uma cidade inventada?

A cidade em si mesma pode ser auto-financiável; mas quem financiará a integração dessa cidade perdida no corpo do Brasil? Ainda não resolvemos, nem da maneira mais primária e elementar, o problema do lixo, o problema dos esgotos, o problema da água no Rio e em São Paulo, sequer. O carioca ou paulista que numa tarde de chuva fica numa fila horas a fio esperando condução não terá o direito de xingar Brasília? O industrial ou o lavrador que não arranja financiamento para produzir algo de vestir ou de comer não achará estranho o govêrno financiar uma cidade nova, de luxo, nos longes de Goiás?

Creio que o problema não foi discutido bastante. O pior é que à última hora, o Congresso pode achar que a mudança não é oportuna. Vocês já pensaram num deputado de Mato Grosso, depois de ter gasto tanto dinheiro e tanto discurso para vir morar no Rio, votar sua própria mudança para Brasília? Desculpem, mas eu duvido um pouco... Eu e Dorival Caimi, que sabe muito mais do que eu, e disse: «quem vem pra beira do mar nunca mais quer voltar...».